

Entrevista com D. Pedro I: O grande Imperador do povo.

Hoje, 27 de março de 1824, eu e minha equipe tivemos a honra e o privilégio de poder conversar com, considerado por muitos, o **maior** (e primeiro) imperador da nação brasileira. À minha frente encontra-se a Majestade Imperial: Dom Pedro I, atual imperador do Brasil.

Apresentação: Nasceu na cidade de Queluz em 12 de outubro de 1798. Chegou ao Brasil em 1808, com 9 anos de idade, em companhia da mãe, D. Carlota Joaquina, e do pai, D. João VI de Portugal. Aos 22 anos assumiu o governo do Brasil na condição de Príncipe Regente, onde mostrou saber lidar com os interesses do povo. Permaneceu no Brasil quando a corte portuguesa o chamou de volta a Portugal, levando-o a proclamar nossa independência em 7 de setembro de 1822 e tornar-se Imperador do Brasil exercendo este cargo até hoje. Há pouco tempo outorgou a primeira Constituição brasileira e é por esse e diversos outros motivos que o procuramos para que ele possa expor detalhadamente o que o fez se tornar o que é atualmente.

Entrevistador: Majestade, se Vossa Majestade me permite, a partir de agora iremos começar a entrevista. Ela será em formato “pingue-pongue”, ou seja, eu lhe farei as perguntas e Vossa Majestade responderá da maneira que o senhor achar mais sensato. Minha equipe irá anotar as respostas ditas por Vossa Majestade, tudo bem?

D. Pedro I: “Sem problema algum. Será um imenso prazer estar respondendo as tuas perguntas. ”

Entrevistador: Se Vossa Majestade concorda, então vamos às perguntas:

Vossa majestade, eu gostaria de saber de onde veio tamanha inspiração deste teu grande espírito de liderança, o senhor sempre teve este espírito com o senhor ou o descobriu ao longo do tempo?

D. Pedro I: Deixe-me pensar (silêncio por alguns instantes). Bem, desde pequeno eu já apresentava forte espírito de liderança, pois fui fortemente influenciado por meu pai, D. João VI que fora e ainda é rei da minha terra natal, Portugal. Lembro-me quando eu e meu irmão ajudávamos nosso pai a

administrar os assuntos mais simples da corte. Parecia que era fácil o ramo de administração (risos), então desde pequeno decidi que gostaria de trabalhar e aprimorar minhas habilidades nesta área. ‘

Entrevistador: Vossa Majestade, após desembarcar aqui, o que o senhor pensou quando pôs pela primeira vez os seus pés em terras brasileiras? Em algum momento passou por vossa cabeça que Vossa Majestade pretendia atender ao povo e nos dar um futuro promissor como a proclamação da independência em 1822?

D. Pedro I: Interessante sua pergunta... Quando pisei no Brasil pela primeira vez, no fundo senti que esta seria minha futura terra, meu lar, minha casa. Senti um carinho muito grande pelo povo brasileiro ao nos receber com muita festa e alegria. No primeiro momento não pretendia atender aos interesses da população, pois cheguei aqui aos 9 anos e ainda não tinha maturidade o suficiente para assumir responsabilidades (risos). Mas ao ficar um pouco mais velho e ter um melhor conhecimento desta gente querida, decidi que atenderia aos interesses desse povo, pois acreditei que o Brasil se tornaria um grande império como ele é hoje.

Entrevistador: No dia em que Vossa Majestade decidiu permanecer no Brasil, quando a Corte portuguesa o obrigou a voltar para Portugal, quais foram os principais motivos e razões que o fez ficar com os brasileiros aqui na América ao invés de voltar a Portugal?

D. Pedro I: Olha... (pausa), essa é uma pergunta bem difícil, pois lembro que me custou a pensar no que faria naquele momento decisivo. Com a Revolução Liberal do Porto o parlamento português obrigou meu pai a voltar para Portugal. Apesar de ele não querer, foi obrigado a partir, pois senão corria o risco de perder seu trono. Antes de voltar para lá nós tivemos uma última... (pausa) bem, uma última conversa onde ele me disse que as ideias liberais de Portugal limitaria o poder dele e que iam fazer o mesmo comigo se fosse para lá. Como já tinha realizado muitas coisas aqui no Brasil e também muitos, de maioria rica, apoiaram que eu ficasse, somando o amor que tinha ao Brasil, acabei ficando por aqui mesmo e proclamar a independência foi a melhor saída.

Entrevistador: Vossa Majestade, durante os primeiros momentos em que o senhor permaneceu no Brasil, foi difícil adaptar-se ao nosso país em aspectos como a cultura, a culinária e o jeito brasileiro? Em algum momento o senhor sentiu que não se integrava ao nosso povo? Caso a resposta seja “Sim”, como conseguiu superar este desafio?

D. Pedro I: Chega a ser um pouco irônico se eu te disser (risos), mas realmente, antes não foi nada fácil de encarar a nova vida que me concederam, pois se imagine vivendo sua infância estando fora de seu país de origem, estando longe da sua própria cultura. Quando estava na embarcação e pude ver a esta terra cheia de verde e de vida, esperava que fôssemos viver isolados no meio do nada, era um lugar muito diferente da Europa. Mas na chegada e nos dias que se sucederam eu vi que tinha uma ligação muito forte com este povo e pude me sentir parte desta ‘grande família’. A culinária brasileira, apesar de suas grandes peculiaridades em relação à europeia conseguiu agradar meu paladar, exceto aquela tal de ‘feijoada’, não sei como alguém consegue comer aquela gororoba! (Risada leve).

Entrevistador: Como o senhor mesmo disse vossa majestade, em 7 de setembro de 1822 no dia da proclamação da independência, tú contaste com o apoio de boa parte da elite brasileira. Persistindo no assunto, por que vossa majestade deixou de dar importância às camadas populares e se interessou por apenas os ricos, estaria deixando sua “popularidade” para atender aos interesses pessoais?

D. Pedro I: (Suspiro) Com todo o respeito, prefiro não me manifestar sobre este assunto, pois se trata de assuntos confidenciais que estão sendo discutidos pelos representantes dos estados brasileiros. Mas uma coisa posso-lhe afirmar: estarei sempre lutando para satisfazer a necessidade geral desde que esteja ao meu alcance, não pretendo desprezar nenhuma classe social, não estou aqui pra isso. (Pausa) Aprecio muito o ramo jornalístico, mas as coisas estão sempre em constante mudança e nem sempre consigo responder tudo, desculpe-me por isso.

Entrevistador: Após nos separarmos de Portugal, como Vossa Majestade concluiu que impor uma Constituição seria o melhor caminho para a nação brasileira progredir? O que o influenciou a tomar esta importante decisão?

D. Pedro I: "Pois bem, com a separação do Brasil de Portugal, estava na hora de tomarmos um novo rumo político, ou seja, o Brasil precisava de um novo sistema para que as coisas pudessem seguir em frente. Como sabes, os tempos são outros, e com a tamanha diversidade brasileira, precisava de algo que tornasse meu trabalho mais justo e eficaz, eu com certeza não daria conta de tudo isso sozinho (risos). Mas continuando, a ideia de uma Constituição para um país como o Brasil se encaixa perfeitamente, com um conjunto de leis será mais fácil de administrar as províncias e, além disso, contará com outros poderes que me ajudarão no cumprimento de meus deveres. As potências europeias por aderirem a este tipo de governo foram as minhas principais influências desta importante decisão. "

Entrevistador: Com nossa primeira constituição outorgada há apenas 3 dias atrás, Vossa Majestade, explique o que o senhor enxerga no Brasil daqui pra frente. Quais são os objetivos que deseja alcançar em favor da nossa nação? Por fim, o senhor sente as expectativas crescerem?

D. Pedro I: Daqui pra frente enxergo um grande país com muitas oportunidades de se tornar uma potência econômica, o Brasil era considerado a colônia mais dinâmica e rica de Portugal, porque não ser a potência mais rica e dinâmica do mundo (risadas de leve)? Tudo bem vamos com calma, mas você entendeu minha analogia, certo? Estou dizendo que as expectativas são boas e com minha autoridade no Poder Moderador, podemos transformar o Brasil.

Entrevistador: Enfim Vossa Majestade, chegamos ao fim da nossa entrevista. Ficamos extremamente gratos por poder estar conversando com o homem mais importante de todo o império brasileiro. Muito obrigado, suas palavras são de total importância.

D. Pedro I: Não há de que.